



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.5, dez.2008/maio 2009



A MODERNIDADE E O MITO DO HERÓI VENCEDOR. AS IMAGENS MODERNAS EM JOÃO JACOBINA E CHARLES BAUDELAIRE: REFLEXO DUPLO EM UM ESPELHO INVISÍVEL

Robson Coelho Tinoco
(Doutor — UnB)

RESUMO

A ficção machadiana apresenta alguns exemplos de "personagens heróis", como João Jacobina, do conto "O espelho", foco central deste artigo. Tal sentido de heroísmo resguarda-se, também, na relação entre modernidade e imagem em que, agora sob a óptica de Charles Baudelaire, aquela deveria estar sob o signo do suicídio selando uma vantagem heróica que nada concede à atitude que lhe é hostil. O poeta avalia, ainda, que tal suicídio não se trata de renúncia, mas de paixão heróica. Nessa confluência de referenciais, o artigo também considera que, para Michel Foucault, o problema não é tentar dissolver as relações de poder na utopia de uma comunicação eficaz, mas propor regras de conduta, e também éticas — o *ethos*, na prática —, o que permitiria realizar os "jogos de poder" com um mínimo de dominação pelas pessoas (e/ou personagens, heróicas ou não).

PALAVRAS-CHAVE

Narrativa literária; sociedade; ética; heroísmo.

RESUMEN

La ficción machadiana presenta algunos ejemplos de los "personajes héroes", como João Jacobina, del cuento "El espejo", eje central de este artículo. Este sentido de heroísmo protegerse a sí mismos, también, la relación entre la modernidad y en esa imagen, ahora en términos de Charles Baudelaire, uno debe estar bajo el signo del suicidio sellar una ventaja que no da la heroica actitud hostil a elle. El poeta examina, además, que el suicidio no es una renuncia, sino pasión heroica. En esa confluencia de referencias, el artículo también considera que, para Michel Foucault, el problema no es tratar de disolver las relaciones de poder en la utopía de una comunicación eficaz, pero proponer normas de conducta y ética — lo *ethos*, en la práctica —, con lo cual serían posible el "juegos de poder" con un mínimo de dominio de los individuos (y/o personajes, heroicos o no).

PALABRAS-CLAVE

Narrativa literaria; sociedad; ética; heroísmo.

O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas porque, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior.

("O espelho", de Machado de Assis)

Como abafar este Remorso interminável,
que vive, se enrosca e se agita,
E se nutre de nós como um verme insaciável,
Qual do carvalho o parasita?
Como abafar este Remorso inexorável?

(Charles Baudelaire)

É preciso anular os efeitos dos desaparecimentos descontrolados dos indivíduos, [...]. Importa estabelecer as presenças e ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, [...] poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades e os méritos.

(Michel Foucault)

A idéia de modernidade (COELHO, 1996), ou idéias — tantas são as variações semânticas, filosóficas etc. — veio para ficar.

Veio inevitavelmente, destruindo e construindo conceitos e crenças, como inevitável é a atitude de percepção, segundo Michel Foucault, frente a cada momento histórico; ou seja, em sua análise não haveria propriamente uma era moderna, mas, antes, uma "atitude moderna" em relação ao momento sócio-histórico que se vive. Avalia ainda o filósofo (KELLY, 1995) que, com relação às manifestações de poder implícitas nas novas relações inauguradas com o *novo tempo moderno*, que essas manifestações antes de serem, a princípio, más, seriam perigosas, exigindo um extremado cuidado em exercê-las e nesse exercício, perceber seus limites dentro do espaço social.

A retórica de Michel Foucault (1998) busca um rompimento efetivo com as análises baseadas em valores antigos de compreensão de mundo e de relacionamento entre as pessoas. Esse rompimento se estabelece à medida que revela o lado proibido das práticas humanitárias que estruturam toda uma expressão de vida cotidiana e como essas práticas findam por excluir e

marginalizar as pessoas por “níveis de exercício de poder”. Ele se transforma, assim, no grande “cético” de nosso tempo e assim cético, sobre unidades dogmáticas e antropologias filosóficas, mostra-se como o filósofo da dispersão e singularidade. A Foucault interessa questionar a “ego-evidência” (Idem, p. 230) de uma forma de experiência de poder, abrindo destarte novas possibilidades para pensamentos mais pragmáticos. A modernidade lhe interessa somente quando analisada como um tempo específico vivido por pessoas inseridas nele como elementos gerados pelos acontecimentos específicos desse tempo.

Quanto à questão da presença do moderno, Charles Baudelaire (BENJAMIN, 1975), um dos primeiros literatos a perceber a inevitabilidade desse acontecimento sócio-histórico, escreve em 1851 que

independentemente do partido a que se pertença é impossível não ficar emocionado com o espetáculo desta população doentia, que engole poeira das fábricas, que inala partículas de algodão, que deixa penetrar seus tecidos pela alvaiade, pelo mercúrio e por todos os venenos necessários à realização da obras-primas... Esta população espera os milagres a que o mundo lhe parece dar direito; sente correr sangue purpúreo nas veias e lança um longo olhar de tristeza a luz do sol e às sombras dos grandes parques.

Para o poeta de *Les fleurs du mal* a composição desta população seria um pano de fundo em que, à frente, por situações e circunstâncias específicas, se destacariam algumas pessoas representando a figura do herói — verdadeiro tema a ser fixado na linha de que uma formação heróica implica relação em que as paixões e as tomadas de decisão são fundamentais. A essa composição quase que feita à maneira de tela impressionista, o poeta fixa um nome, como tipo de marca indelével: *la modernité*.

Machado de Assis, sobretudo um homem com atitude moderna, portanto, mais que pessoa realista (ou romântica, ou naturalista, ou positivista), soube bem apreender aqueles acontecimentos de sua época; apreensão marcada, entre outras, pela peculiaridade da literatura machadiana que reside no fato de que ninguém é só bom ou só mau (SENNA, 2003). Como autor,

conseguiu construir um quadro fabuloso de “pessoas” que, representando basicamente a classe burguesa, demonstrava os descaminhos, os desvãos, os atalhos e, sobremaneira, os abismos da alma humana, com uma narrativa, também e à maneira machadiana, marcadamente erótica (BLOOM, 2003).

Valendo-se daquilo que lhe permitiu usar formas clássicas e criar outras até modernistas, Machado de Assis construiu — sob sua ampla visão de mundo e de vida modernos — uma galeria de personagens vivendo situações em que alguns se portam como típicos heróis modernos. Nesses, a atitude de angústia e mesmo fraqueza ante as imposições sociais, não obstante possam ser vistos (e como *espelhos de si mesmos* viam-se) enquanto heróis que não sucumbem à dureza diária de uma vida centrada na competição profissional, amorosa etc. A ficção machadiana apresenta inúmeros exemplos de “personagens heróis” aptos a adivinhar os desejos e os planos dos outros (DIXON, 2007). Assim, dentre outros, são “heróis” Capitu, Brás Cubas, João Jacobina — este, protagonista do conto “O espelho” em que o autor, via narrador(es) fala da alma humana mostrada/escondida em um espelho, ou seja, sobretudo fala deste grande mito moderno: *a imagem*.

Jacobina, no conto, depois de tanto relutar em expressar suas opiniões, achando que as discussões seriam representação de nosso “instinto bestial” — para tanto evoca a condição dos serafins e querubins, seres plenos, porque avessos a controvérsias —, resolve falar do que ele chama de “duas almas do ser humano: a alma exterior e a interior” (BOSI et al, 1982, p. 137). Avalia ainda que para que uma exista a outra tem de morrer, numa alusão possível à idéia de Baudelaire de que a modernidade revela-se como sendo sua própria fatalidade. Assim, o sentido de herói não estaria previsto nela — o sentido de herói pleno — porque é natural que se procure um tipo de porto seguro a que ficar ancorado à espera, também, de uma navegação sem grandes problemas (imagem do poeta). Aquela “morte anunciada” guarda, ainda, uma relação de sentido — a de parte dominadora e parte dominada — tão bem analisada por

Foucault tendo por base o que o filósofo considerou como “modern technology of domination” (KELLY, 1985, p. 367).

Dentro dessa idéia de “para de uma morte advir um nascimento” seria compreensível que o indivíduo, na procura do que para ele representaria sua sorte (travestida de felicidade), vivesse momentos de tédio e mesmo fraqueza. Essa morte de uma das “almas” para que a outra sobreviva nada mais é que uma representação de um tipo de suicídio de uma das imagens — a pessoal — que se tem para que a outra — a social — possa ser criada. Nessa análise e na relação entre modernidade e imagem, Baudelaire considerava que aquela devia estar sob o signo do suicídio que sela uma vantagem heróica que nada concede à atitude que lhe é hostil. Avalia ainda que “esse suicídio não é renúncia, mas paixão heróica.

É a conquista da “modernidade no campo das paixões” (BENJAMIN, 1994, p. 13). Tudo, de certa maneira, constrói-se sob uma base racional, ou há tentativas de racionalizar as coisas para melhor entendê-las, racionalidade que Foucault coloca como um fato da história contemporânea. Entretanto o “irracional”, por causa disso, não adquire qualquer direito de não defesa e, nessa linha, o interesse de Foucault não é diferente do de Habermas ao criticar a transformação histórica de formas modernas de racionalidade (KELLY, 1985).

O símbolo, ou alegoria, desse tipo de suicídio de “uma das almas” de Jacobina — promovido em nome do social, orquestrado pelas imagens nascidas da imagem vista no espelho — resume-se no contorno e nas cores estruturando a composição do objeto mítico representado pela farda de alferes — e toda a simbologia que uma vestimenta militar compunha, e ainda hoje compõe, em uma sociedade abolicionista na imagem, mas escravocrata de fato, conduzida por militares (COSTA, 2001). Assim, a roupa, considerada o “invólucro do herói moderno” guarda sua indelével beleza e o encanto próprio, transformando qualquer um em um tipo de herói de resistência e sobrevivência diárias.

Ainda na visão do poeta, aquilo que o assalariado realiza no trabalho diário não seria menos importante que o aplauso e a glória do gladiador na antigüidade. Jacobina, pois, nada mais fez que se submeter à manifestação da vontade alheia, aliada a sua: vestiu sua alma com a farda criada como tipo de fantasia de poder e status social.

Há uma confluência para a criação de novos paradigmas de relacionamento humano e a manutenção de tabus eternizando-se entre as vontades de ostentar uma imagem e percebê-la sendo admirada com subserviência. Alie-se a este fator de base psicológico-cultural um outro, de base sócio-histórica, concentrado no advento da industrialização como elemento poderoso demarcador das novas posições e espaços sociais dos mais variados grupos dominantes e dominados (pretendendo também ser dominantes). Benjamin avalia que “com o advento da industrialização há um acúmulo de imagens (imagens do desejo) na consciência coletiva em que o novo se interpenetra no antigo. Há como que uma busca do novo atrelado, ainda, ao passado” (BENJAMIN, 1994, p. 32).

Do binômio *industrialização X herói moderno* surgem as marcas de uma vida estabelecida em valores materiais e a luta por fazer valer a ideologia do grupo a que se pertence; surgem as posições de luta para ostentar poder e capacidade de decisão sob a própria vida e a dos outros. São novos olhares sendo lançados às mesmas velhas situações de conflito e injustiça, olhares esmaecidos pelas sombras imponentes dos prédios das indústrias e das mansões de seus proprietários, quase ao lado dos prédios históricos sendo transformados em cortiços, abrigando dezenas de famílias mal nutridas, indo buscar trabalho naquelas indústrias. Esse o novo grande quadro a ser representado e muitos poetas e pintores encontraram na rua, nos bares e becos fétidos o “lixo” da sociedade e a partir dele fizeram uma crítica artística partindo desse novo heroísmo invisível e ascendente. Quanto a isso, Charles Baudelaire considera que

existem temas da vida privada, muito mais heróicos que os estereotipados, oficiais. O espetáculo da vida mundana e de milhares de existências desordenadas; vivendo nos submundos de uma grande cidade — dos criminosos e das prostitutas provam que apenas precisamos abrir os olhos para reconhecer o heroísmo que possuímos (BENJAMIN, 1994, p. 15).

Há toda uma nova sociedade estabelecida em elementos de troca e conveniência em que os indivíduos findam por perder sua identidade em nome de uma necessidade de posição mais cômoda, na linha de uma presumível capacidade de poder sobre os outros. Foucault avalia que “muitas vezes se afirma que o modelo de uma sociedade que teria indivíduos como elementos constituintes é tomada às formas jurídicas abstratas do contrato e da troca” (KELLY, 1985, p. 391). Avalia ainda que o problema não é tentar dissolver as relações de poder na utopia de uma comunicação perfeitamente transparente, mas dar a si mesma regras de conduta, as técnicas de administração, e também as éticas de convívio interpessoal, o *ethos*, o exercício de sua prática, o que permitiria realizar os jogos de poder com um mínimo de dominação por parte das pessoas (FOUCAULT, 1998).

Parafraseando o filósofo, na constatação de que o culpado deveria levar à luz do dia sua condenação e a verdade do crime que cometeu, Jacobina segue esse ritual à medida que tem em seu corpo (ou na imagem dele refletida em seu cárcere de farda) o resultado de sua necessidade de se integrar a uma sociedade agora tão marcada pela *aparência*. Seu corpo assim mostrado, exposto, funciona como um tipo de “suporte público” que ficara, até então, na sombra. Agora, solitário e só com a imagem da farda refletida, a justiça deve se completar e cobrar do alferes uma atitude de análise de seu erro à medida que se deixou levar pela própria condição de ser o que era: só uma imagem. Qual o seu erro? Deixar-se levar pela consideração de que é mais importante ostentar uma posição do que efetivamente exercê-la.

O homem moderno inverte sua posição de ser-no-mundo, fruto de relações interpessoais baseadas no auxílio mútuo e, individual e dependente do exercício de poder, assume-se sendo um ser-do-mundo, preocupado em criar

um ambiente amistoso somente com os integrantes mais efetivos de seu grupo social específico. O que se vê, pois, é um tipo de armadilha preparada para deixar “os iguais” próximos e aqueles que se diferenciam pelos mais variados motivos (políticos, econômicos, religiosos, classe, raça etc.) distantes, preservados em suas próprias masmorras. Foucault faz uma análise muito interessante, relacionada com essa argumentação, sobre o chamado “dispositivo panóptico”, ao se levar em conta a metáfora da vida social vista como presídio, e a relação entre os presidiários, os guardas e diretores da prisão como a própria relação de poder entre as pessoas e as instituições sociais. Assim, avalia que

o dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções — trancar, privar de luz e esconder — só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha (1998, p. 166).

Apesar de nem sempre tão distintas, toda sociedade de classes possui duas ideologias nitidamente perceptíveis: a da classe dominante e a da classe dominada (LYRA, 1979). Jacobina, em sua inocência de querer ser o que pretendia — um guardião militar da república, com certo status social e certo poder sobre as pessoas —, deixou-se levar pela necessidade de as pessoas (sua mãe, amigos, tia, escravos) terem, por perto, uma representação de poder, do poder instituído. O alferes teve de ceder sua posição de “herói moderno” — cumprindo o que lhe cabia fazer e, na medida do possível, bem — à figura do herói da antigüidade, imponente, invencível e destemido, sem nenhum tipo de falha, vício ou medo. Jacobina, na visão baudelariana de mundo moderno, era antes um poeta que herói (mesmo o poeta sendo herói), pois, como os poetas, guardava o incógnito atrás das máscaras que usava.

O *espelho* faz-se, então, como a divindade especular da alma humana em que, quais entidades míticas, *imagem* e *vontade* se misturam na tentativa,

vã, de compor um perfil integral da natureza humana. A tentativa, que às vezes parece não ser, é sempre vã porque a imagem é única e definida — os outros não são refletidos e assim, alimentam sua imagem, real, sempre na imagem, virtual de quem está à frente do espelho (espelho = atitudes frente à vida). Assim, Jacobina transforma-se em imagem dupla do que queriam e esperavam dele: era *ele* sendo a *imagem* com os outros por perto, alimentando sua necessidade de sentir-se importante e saber que detinha poder e findou sendo somente a *sua imagem*, e não sendo ninguém, quando, de tudo e de todos, só ela restou estampada no espelho (o objeto mais nobre da casa simples da tia).

Jacobina se rendeu às exigências de sua posição social, de sua classe — a burguesia — como um típico indivíduo burguês envolvido na missão de preservar a ideologia dessa classe, sem questioná-la. Nesse sentido, de considerar a importância da influência da classe social sobre as ações dos indivíduos, é elucidativa a análise de Volker Lühr quando afirma que

según Habermas, Adorno — al contrario de Benjamin — buscaba la salvación no el lo remoto, en lo arcaico, en la utopía; tenía un olfato para las amenazas inminentes, en lo cercano, en el presente, en la realidad. Buscaba lo falso en lo próprio. Esta inclinacion, dice Habermas, le salvó de um error que cometieron muchos intelectuales, sobre todo los de tinte marxista: hacer *tabula rasa* com toda historia de la burguesia (1998, p. 31).

Ao contrário do romantismo, a arte realista, típica do período industrial de finais do século XIX, cria no público — agora visto como multidão, como massa — um estranho efeito antipopular. Isso se dá à medida que, ao revelar a esse público as mazelas de sua própria condição existencial, produz nele um curioso efeito sociológico (ORTEGA y GASSET, 1991). Essa arte, enquanto “filha artística” de um dado momento sócio-histórico estruturado pelo aparecimento das metrópoles, e seus palácios de vidro e aço de que falava Benjamin (1994), trata de *heróis* como seres normais que vão aprendendo, diariamente e nomeio da massa, a lidar com uma *atitude heróica*.

No entender de Luiz Costa Lima (1980), seria como se na poética da modernidade, a noção do que seja o poético tivesse perdido uma delimitação precisa, i.e., historicamente legada, (o autor cita os casos de Flaubert e Baudelaire que, em nome da perda dessa limitação, foram levados às barras dos tribunais por causa do “teor ilegal” de suas obras). Avalia, ainda, que se, tradicionalmente, a poesia era identificada com a linguagem elevada, criadora de uma realidade sublime, perfeita, ela agora busca palavras e situações “vulgares”, não mais revestindo o real com o encanto que antigamente tanto o purificava.

Esse contexto gera e dá à luz, ao mesmo tempo em que condena e aprisiona, as imagens incrustadas na alma e na mente de “indivíduos” como Baudelaire e Jacobina. Aqui, ser criador e ser criado se confundem, formando elos de uma corrente unindo (prendendo) o desejo inconsciente de ser à imagem que não se deseja, mas parece ser. É o próprio poeta, no início de *As flores do mal* (BARROSO, 1995, p. 103), quem dedica esses versos iniciais, de um arquetípico heroísmo derrotista, ao leitor:

A tolice, o pecado, o logro, a mesquinhez
Habitam nosso espírito e o corpo viciam,
E adoráveis remorsos sempre nos saciam,
Como o mendigo exhibe sua sordidez.

Fiéis ao pecado, a contrição nos amordaça;
Impomos alto preço à infâmia confessada,
E alegres retornamos à lodosa estrada,
Na ilusão de que o pranto as nódoas nos desfaça.

[...]

Em meio às hienas, às serpentes, aos chacais,
Aos símios, escorpiões, abutres e panteras,
Aos monstros ululantes e às viscosas feras,
No lodaçal de nossos vícios imortais,

Um há mais feio, mais iníquo, mais imundo!
Sem grandes gestos ou sequer lançar um grito,
Da Terra, por prazer, faria um só detrito
E num bocejo imenso engoliria o mundo;

É o Tédio! — O olhar esquivo à mínima emoção,
Com patíbulos sonha, ao cachimbo agarrado.
Tu conheces, leitor, o monstro delicado

— Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão!

E entre a percepção do que era por destino da vida e das coisas e do que agora é, como única possibilidade de existência consigo mesmo, é o próprio Jacobina quem constata:

O alferes eliminou o homem [...]. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; [...]. Aconteceu então que a alma exterior, que era antes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra se dispersou no ar e no passado (BOSI et al, 1982, p. 144).

O discurso de Jacobina, envolto por uma condição moderna de dependência do poder, aqui avaliado como macro-estrutura de significação social, na linha do que Foucault propõe como presença das instâncias do poder na vida diária, nada mais é que a representação da modernidade se impondo por meio de suas exigências. É um “discurso de labirinto” à medida que se percebe envolvido em valores de manifestação de poder e de sedução da opinião alheia. Nessa linha, “o discurso é um tipo de labirinto que habita a gente — que mora em nós, e que, no fundo, se identifica conosco, com a nossa interioridade: o mundo contém algumas coisas, mas é a gente que contém a totalidade delas” (LOPES, 1993, p. 14). É sempre uma questão de estar ajustando as necessidades do ego às imposições da realidade, no que seria reflexo da substituição das práticas particulares e específicas do “curandeiro” por uma técnica mais industrial universal, exigindo que os pensamentos se tornassem autônomos em face dos objetos (ADORNO & HORKEIMER, 1985).

Por ser sobretudo literário, o discurso de Jacobina¹ se compõe por meio de um profundo estrato mágico, de trabalho artístico com a função informacional da mensagem. Assim, nele tudo se organiza ou se desorganiza partindo de um princípio chamado de “princípio de indeterminação” em que,

¹ Também de Baudelaire e, por extensão, a análise filosófica de Foucault guarda um pouco dessa “condição literária”.

dada essa condição de universo mágico, típico de textos de literatura e presente como um dos componentes de estruturação de textos filosóficos, “tudo pode acontecer porque qualquer coisa pode dar origem a qualquer outra coisa” (LOPES, 1993, p. 47). Esse discurso representa em síntese a crise da modernidade na medida em que se mostra como elemento mediador da sociedade total, representada por suas relações e emoções, em que os homens se convertem novamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força (ADORNO & HORKEIMER, 1985).

Baudelaire “busca” sua solidão no meio da multidão multifacetada pelos valores, ideologias e desejos impostos por uma industrialização ascendente e incontrolável. Jacobina intenta anular a sua, na representação da presença refletida de uma multidão inexistente, mas presente em sua necessidade de se afirmar como novo tipo de *herói*. Essa figura heróica é construída sob a lâmina brilhante de um espelho como marca de posição invejável em uma sociedade buscando novas imagens a ser louvadas e seguidas. Assim, o pensamento moderno segue uma linha em que o visível nem sempre é o real, e o poder de uma posição — refletida na imagem esperada/cúmplice — é relativo à ostentação dessa posição, mais do que em sua conquista por meio de valores pessoais nobres.

É um pensamento de base anti-cartesiana na linha do *eu sou, eu existo*, é certo, pois fruto de inúmeros produtos de poder e *marketing* sociais. Na análise de Descartes, em que “nada admito agora que não seja necessariamente verdadeiro: nada sou, pois falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão” (LEOPOLDO e SILVA, 1994, p. 117), Baudelaire e Jacobina seriam seres sem existência plena e aqui o paradoxo — ou um deles — da modernidade: não há nada mais completo do que se ter noção dessa incompletude.

Tal incompletude está na aceitação daquilo que é *fato* como o grande elemento de reconhecimento de uma condição existencial. Assim, é de novo Jacobina quem nos diz que “os fatos explicarão melhor os sentimentos; os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada” (BOSI et al, 1982, p. 147); ainda, que

[...] o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente como a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho (idem, p. 149).

Ou Baudelaire, em “A Beleza”:

Eu sou bela, ó mortais! como um sonho de pedra,
E meu seio, onde todos vêm buscar a dor,
É feito para ao poeta inspirar esse amor
Mudo e eterno que no ermo da matéria medra.

No azul, qual uma esfinge, eu reino indecifrada;
Conjugo o alvor do cisne a um coração de neve;
Odeio o movimento e a linha que o descreve,
E nunca choro nem jamais sorrio a nada.

Os poetas, diante de meus gestos de eloquência,
Aos das estátuas mais altivas semelhantes,
Terminarão seus dias sob o pó da ciência;

Pois que disponho, para tais dóceis amantes,
De um puro espelho que idealiza a realidade:
O olhar, meu largo olhar de eterna claridade!
(BARROSO, 1995, p. 118).

Há um quê de condição existencial ilusória em tudo, sobretudo com a presença absoluta da modernidade que impõe novos ritmos de descobertas, mesmo de vida e relacionamentos. Em nome da técnica, do ganho financeiro rápido, do nome ostentado nas manchetes de jornais ou revistas de circulação garantida; em nome dos sentimentos fragilizados pelo acúmulo das emoções reprimidas, a *liberdade* toma posição de retaguarda e busca nos sonhos e desejos proibidos a possibilidade de existência dentro desse caos de industrialização imerso nas águas ainda revoltas da modernidade.

Assim, banhados de modernidade e todo seu jogo brilhante de imagens a serem venerados e tidos como expressão do real, Baudelaire e Jacobina, heróis por condição, encontram-se no desejo de, assumidamente à deriva pela vida, ajustarem-se a um “grupo seguro” onde possam lançar suas âncoras repletas de tédio e novidade. Desencontram-se, assim, onde Foucault e Habermas concordam em que o moderno natural e as ciências humanas precisam justificar seus clamores à verdade e justiça por não poderem confiá-los à religião ou à metafísica (KELLY, 1985). Nesse sentido, Baudelaire queria conferir à modernidade um tópico clássico, mesmo de antigüidade, enquanto Jacobina findou por ser objeto de uso do espelho alçado ao nível de objeto arquetípico de um período fundado na imagem e no material. Jacobina entregou-se de alma e corpo às exigências de uma vida de posições e títulos; Baudelaire colocou seu corpo na multidão para tentar desvendar a alma comum às pessoas presas à modernidade.

O espelho é o paradigma do grande mito heróico contemporâneo desse período de reorganização de valores e relacionamentos, mito vencedor-e-vencido: metade reflexo, metade escuridão; metade imagem, metade fantasia; metade objeto, metade deus. Ele, duplo entre dúbio, esconde e mostra; cobra e oferece; dá e tira. Heróico por condecoração social, o espelho reflete todo o heroísmo incrustado na atitude de cada um, compondo a atitude de todos, transformada em condição universal de existência e domínio — o poder só é efetivamente exercido pela maioria que, mesmo dominada, paradoxalmente confere ao(s) seu(s) dominador(es) o título de *mais um*. O herói mítico, antigo, sob essa dialética moderna, assume a função de ser um herói comum que vê no espelho a possibilidade de sair da vida para entrar na sua fantasia particular; herói que busca sua “paz machadiana”, para quem “as guerras, como os casamentos, são necessários, até para que se possa desfrutar a paz” (PIZA, 2008, p. 273).

Dessa maneira, a modernidade transformou a função cartesiana do espelho — refletir o que se coloca a sua frente — em imagem distorcida que

tudo revela hiper-revelando a sobre/sob-imagem estendida entre camadas de vontades irregulares de nossas almas externas e internas e

[...] a saber, somente de que, sendo a vontade muito mais ampla e extensa que o entendimento, eu não a contendo nos mesmos limites, mas estendo-a também às coisas que não entendo; das quais, sendo a vontade por si indiferente, ela se perde muito facilmente e escolhe o mal pelo bem ou o falso pelo verdadeiro. O que faz com que eu me engane e peque (LEOPOLDO e SILVA, 1994, p. 133).

Para Immanuel Kant (2008), a preguiça e a covardia são as causas, mesmo depois de sua maioridade natural, para que boa parte dos homens continue, ainda que estranhamente feliz, menor durante toda a vida. Note-se que há um quê dessa idéia de preguiça na visão baudelariana de mundo, como há um quê de covardia na visão de Jacobina, frente à atitude a ser tomada quando de seu isolamento no sítio da tia.

O *herói* dentro de cada um deles vive a ambigüidade da busca de ação e da necessidade de reflexão como resultado da composição de um *mundo particular* que nega a idéia de um *mundo universal* à medida que, na busca de esclarecimento, sabe que tem de se integrar a ele. Kant avalia, enfim, que é difícil para um homem, em particular, desvencilhar-se da menoridade que para ele se torna quase uma natureza. Tal “indesvencilhamento” se manifesta, porque, habituado ao uso de fórmulas e preceitos transformados em instrumentos mecânicos do racional, torna-se incapaz de utilizar seu próprio entendimento como mecanismo de equilíbrio entre o racional e o emocional.

Nesse contexto social materialmente efêmero, a figura mítica do herói invencível, dadivoso e filho da Beleza — *vencedor por natureza* — cede lugar à figura do ser humano real. Este, misturado à multidão e submetido às regras sociais de convívio (disposto pelo poder instituído) que dela emanam, tenta viver sua vida dentro de um heroísmo rotineiramente possível. Enfim, todos são um Baudelaire e um Jacobina, enquanto eles têm em si um pouco de todos. O herói-todo-vencedor, porque esclarecido por meio de atitudes heróicas e fantasias poéticas, não existe mais... Há, agora, uma multidão de seres

individuais buscando esclarecimento, firmado como a radicalização adorniana da angústia mítica.

Referências bibliográficas

ADORNO & HORKEIMER. *Dialética do esclarecimento* — fragmentos filosóficos. 2.ed. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BARROSO, Ivo (org.). *Charles Baudelaire* — poesia e prosa. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III* — Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. 3.ed. Trad. José Carlos M. Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

BOSI, Alfredo et al. O espelho. In: _____. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.

BLOOM, Harold. *Gênio*. Trad. José Roberto O'Shea. São Paulo: Objetiva, 2003.

COELHO, Teixeira. *Moderno — Pós-moderno*. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.

COSTA, Pedro Pereira da Silva. *Machado de Assis*. São Paulo: Três, 2001.

DIXON, Pedro. *Teoria da mente* — Machado de Assis e a escola realista. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: www.machadodeassis.com.br

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 18.ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

KANT, Immanuel. *Textos seletos*. 5.ed. Trad. Raimundo Viera e Floriano de Souza Fernandes. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

KELLY, Michael (org.). Foucault: critique as a philosophical ethos. In: *Critique and power*. Cambridge: NIT press, 1995.

LEOPOLDO e SILVA, Franklin. *Descartes* — a metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 1994.

LIMA, Luiz Costa. *Mimesis e modernidade* (formas das sombras). Rio de Janeiro: Graal, 1980.

LOPES, Edward. *A palavra e os dias* — ensaios sobre a teoria e a prática da literatura. São Paulo: EdUNESP; Campinas-SP: EdUNICAMP, 1993.

LÜHR, Volker. Sobre la utilidad de la literatura para la sociologia. In: *REVISTA TEMPO BRASILEIRO: cidade e literatura*. n. 132. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1998.

LYRA, Pedro. *Literatura e ideologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

ORTEGA y GASSET, José. *A desumanização da arte*. Trad. de Ricardo Araújo. São Paulo: Cortez, 1991.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis — um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

SENNA, Marta de. *Alusão e zombaria*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2003.